

A watercolor-style portrait of Zeca Afonso, split vertically. The left side is in black and white, and the right side is in shades of orange and brown. The portrait is rendered with soft, blended colors and visible brushstrokes.

cena's

publicação cultural

*Espe
cial*
*Home
nagem*
Zeca
Afonso
2007

08

Fevereiro 2007

Vila Nova de Santo André

**"Ainda há muito por
descobrir na música
de José Afonso"**

/ entrevista com José Mário Branco
/ p.3

"Saudades do Zeca"

/ Viriato Teles / p.6

Testemunhos

/ Helder Costa / p.8

/ José Jorge Letria / p.9

Espe- cial Home- nagem Zeca Afonso 2007

Propriedade

AJAGATO
Associação Juvenil Amigos do GATO

Colectivo de Redacção

João Madeira
Maria Afonso
Mário Primo
Tília
Z. dado

Colaboram neste número

Helder Costa
João Madeira
João Mota
José Jorge Letria
Viriato Teles

Administração e Secretariado

Manuel Fonseca Santos
Maria Aurélia Patrício

Concepção Gráfica

Paginação
Pedro Dias

Periodicidade

Semestral

Impressão

Tipografia Avenida

Tiragem

1500 exemplares

Custo

Dois cenos

Contactos

AJAGATO / Centro de Actividades Pedagógicas
Alda Guerreiro / 7500 - 160 Vila Nova de Santo
André / Tel. 269 744 344 / Fax 269 758 167
www.gatosa.com
e-mail: cenos@gatosa.com
e-mail: geral@gatosa.com

EDITORIAL

Com a edição deste número especial, Cena's acompanha e integra o projecto, "Contos Velhos, Rumos Novos", que evoca José Afonso quando passam vinte anos sobre a sua morte.

Centrado num espectáculo de música, teatro, dança, multimédia o projecto viria a estender-se no tempo e a acrescentar outras iniciativas. Este é o nosso contributo para que assim fosse.

Cena's foi entrevistar José Mário Branco, recolheu depoimentos de Viriato Teles, Hélder Costa e José Jorge Letria e evoca o celebrado concerto de Março de 1974 no Coliseu dos Recreios. Um número especial a pensar no legado de Zeca – um legado musical, evidentemente, mas também poético e cívico, no que abrange de valores e atitudes. Seremos seguramente diferentes na sensibilidade, no modo, no tempo, no ritmo, na dinâmica social como aprendemos a gostar do Zeca, mas ele, até hoje não deixou de se ir instalando e perdurando nos nossos afectos, nas nossas emoções, nos nossos gostos. De modo diferente, nem sempre coincidente, de modo desigualmente abrangente, diferenciadamente entendido, mas numa convergência feita de múltiplos caudais.

É nesse sentido que o seu legado constitui um património, património cultural no sentido mais amplo – feito de sons, palavras, gestos, de história

de vida, mas também a identificar-se, poderosamente, tanto com a necessidade e com o combate para mudar o país, como com o país a mudar, nas suas exaltações, voluntarismos, solidariedades, nas utopias. Mas também, e ainda, com as desilusões, com o reagrupar de esperanças, de novas utopias inclusivamente, para os que assim o entenderem. Identificando-se com o país, com a história recente do país.

Há dez anos, muitos de nós evocámos José Afonso com o espectáculo "Nem todos os dias são dias passados". Fizemo-lo com emoção e com prazer. Voltamos agora, com o mesmo espírito num braçado de iniciativas onde se entrelaçam vontades, se fundam entendimentos e sobretudo se consegue, de novo, organizar iniciativas em conjunto, a partir de um conjunto concreto de associações que assim o quis, sem que tivéssemos necessidade de alguém que nos aconselhasse ou enquadrasse neste ou naquele sentido.

Cena's depois deste número especial prepara o próximo, numa continuidade que cada um dos que hoje se encontraram neste projecto colectivo de evocação a José Afonso, fará a seu modo, a apontar para vir a lume por altura da Mostra de Teatro de Santo André, como vem sendo hábito.

SUMÁRIO

3,4,5 / **bocas de cena** / "Há muito por descobrir na música de José Afonso" - entrevista com José Mário Branco / João Mota / 6,7 / **cenos da memória** / Saudades do Zeca / Viriato Teles / 8,9 / **testemunhos** / Helder Costa e José Jorge Letria / 10,11 / **photohistórias** / João Madeira

Desde que gravou o seu primeiro disco, há quarenta anos ("Seis Cantigas de Amigo", 1967), José Mário Branco tem-se mantido permanentemente activo. Muitas vezes como compositor, outras como cantor, músico, actor (no teatro ou no cinema), arranjador, orquestrador, militante, cooperativista, radialista.

O seu ritmo, porém, não respeita as regras insaciáveis do mercado da música e as esquivas voluntárias à ribalta têm sido vistas por muitos como deserções.

Por ele, não! A única deserção que assume é antiga, de uma guerra onde não quis matar irmãos. História escrita, com exílio em Paris (1963-74) e um disco a fazer, desse gesto, arma: "A Ronda do Soldadinho" (1969).

(extraído do curriculum de JMB, em <http://pwp.netcabo.pt/0225773401/JMBIO.htm>)



“Há muito por descobrir na música de José Afonso”

Sente que o tempo fez justiça à obra musical de José Afonso?

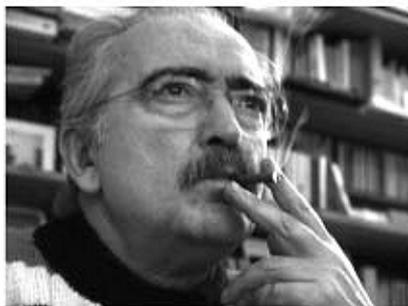
Normalmente considera-se a canção como uma forma menor de arte, porque tem um lado popular, de instrumento social, mas para mim o Zeca é um autor de referência, em qualquer plano da cultura portuguesa - na canção, primeiro, como o podem ser Camões, Pessoa, Sophia, Columbano noutros campos.

Eu ouço a obra inteira do Zeca, pelo menos, uma vez por ano. Faz parte da minha alimentação. E estou sempre a descobrir coisas novas.

Pensa, então, que a forte carga política que se atribui à música de Zeca Afonso não lhe conferiu qualquer anacronismo...

Independentemente da conotação que o Zeca e outros tiveram ao longo das suas carreiras por cantarem temas de intervenção, as suas músicas são um tesouro por si mesmas.

Ele tinha um discurso muito utilitarista em relação às canções. Eu dizia-lhe "Tu és um grande músico, poeta e intérprete" e ele desvalorizava-se e dizia "O que interessa é que as canções sejam úteis, que a malta se sirva delas". Sempre foi um espírito generoso e



altruísta. A etiqueta ideológica que se coloca sobre algumas canções é absurda, como seria absurdo etiquetar um poema de Camões, ou chamar Pessoa de reaccionário porque se manifestou sobre Salazar e sobre o socialismo.

É estúpido recorrer a essas etiquetas e é um sinal de desculturação do país.

Entende, portanto, que as etiquetas prejudicam a própria música...

As pessoas arranjam sempre etiquetas para tudo. Mas Zeca Afonso é um autor de referência em qualquer parte do mundo, ao nível de Chico Buarque, Bob Dylan, John Lennon, ao nível de qualquer grande da canção.

No que diz respeito à cultura ocidental, vejo no Zeca uma referência universal, no que toca à forma da canção - uma música com palavras num formato específico, curto, bem perceptível.

A sua música também tinha uma forte

influência africana. A partir do momento em que voltou de Moçambique, isso notou-se logo, sobretudo nos ritmos. Fez um trabalho excelente com o Júlio Pereira, nessa altura...

Aliás, essa africanização da música do Zeca esteve na origem de uma polémica entre ele e o Fausto. Apesar de ter crescido em Angola e ter começado a sua formação musical em Luanda, o Fausto acabou por abraçar completamente a herança musical portuguesa e fez um trabalho notável nessa recuperação de sons tradicionais portugueses. E sentia que o Zeca devia fazer mais isso. Notou-se particularmente naquele período final do Zeca, do "Enquanto Há Força", que os dois tinham rumos musicais distintos.

O Zeca compôs das melodias mais geniais que conheço, com influências que nem sempre ele próprio reconheceu: influências de alguma da melhor música que se fazia em diversas áreas, do jazz à música erudita. Como todos os grandes, excedia-se na arte de adequar uma melodia a determinadas palavras. Sabia que não bastava ter um grande sentido melódico.

Um talento da prosódia?

Da prosódia e de uma espécie de semântica que está dentro da própria prosódia, que é uma coisa que me interessa profundamente.

Agora ando a estudar linguística e, se eu conseguir acabar o curso em boas condições, é esse ponto que quero explorar, que começou a ser sistematizado principalmente por Leonard Bernstein, sobre a gramática da música. Se uma pessoa com um mínimo de estudos musicais analisar uma melodia, a sua estrutura, intervalos, etc, consegue ler nela uma frase. Essa frase, através do seu desenho numa pauta, pode ser casada com as palavras certas para formar uma coisa nova, a canção. Contrariamente ao que dizia o Nietzsche sobre a música ser a mais subjectiva das artes, vamos objectivar em palavras o que aquela frase musical nos está a dizer. Essa foi, sempre, a essência de uma canção, o casamento entre duas coisas que se tornam uma outra coisa nova.

Era essa a nossa guerra nos anos 60, contra os que pensavam que bastava misturar quaisquer palavras com qualquer melodia.

Acreditávamos que a canção tinha um poder maior e discutíamos acesamente. Ainda em Paris, lembro-me de conversas longas, porque nos parecia que era preciso que todo o contexto da

canção fosse conforme à mensagem, à ideia e aos sentimentos que estavam contidos.

Exigir liberdade a chorar, com uma melodia chorosa, era pedir da forma errada; é um pedido que encerra já em si uma derrota. Deixa de ser uma exigência para passar a ser um lamento. Passa do imperativo para um condicional qualquer.

O Zeca desenvolveu essa arte da adequação a um nível muito elevado. Isso testemunhava-se até na forma como as ideias lhe surgiam na cabeça. Lembro-me de uma cena numa cozinha, em Setúbal. Eu, com a minha viola, e o Fausto, como sempre, com uma guitarra e a afinar a corda do Mi agudo. Estávamos a brincar, a trocar umas "malhas". O Zeca estava na sala com uns amigos. Tocávamos a "malha" que estaria depois na base, salvo erro, de "O Homem Voltou". (toca uma guitarra imaginária e começa a trautear). O Zeca veio a correr da sala aos gritos e diz "eh pá, não páres, continua a tocar isso!". Não pára de andar de um lado para o outro, obstinado, até que começa a cantar, já com as palavras do refrão dessa música (reproduz o canto). Tudo muito espontâneo. Pegou numa pequena melodia que estávamos a tocar e transformou-a, pela palavra, numa canção. Como esta outra "Se o Meu Nome Engana", tantas... (ri-se e acende uma cigarrilha) Eu quando me ponho a falar do Zeca...

Para além de participar nos primeiros discos de José Afonso e ao longo da sua carreira, tem ainda hoje um papel activo como intérprete desses temas.

Tenho pena que, sobretudo nos anos oitenta, se tenham perdido gerações. Aqueles anos oitenta!!! Demasiadas pessoas perderam a ligação que havia com esta música, e, na minha opinião, tornaram-se mais pobres por isso.

A desculturação e a iliteracia assolam este país. A abertura, sobretudo ao mercado anglo-saxónico, deu um bocado cabo disto...

Se calhar, hoje em dia temos mais bandas a cantar em português, em relação à tendência dos anos oitenta e noventa, mas se não formos nós a fazê-lo, como se fez em tantos países como Espanha ou França, não serão os outros a proteger a nossa cultura. Parece-me que em Inglaterra e nos Estados Unidos, haverá milhares de bandas sempre a trabalhar com a língua inglesa, e fá-lo-ão sempre melhor que qualquer grupo de cá.

O que sei é que esses mercados nunca

poderão produzir o que for feito na nossa língua. Sinto que ainda há tanto trabalho por fazer na forma como se trata a língua portuguesa na música! É muito típico nos portugueses haver essa atracção, uma projecção doentia para fora. Está na nossa história e é por isso que escrevi há muito tempo numa canção: "Eu sempre que parti à descoberta deixei a porta aberta para quem quisesse entrar"... É esse sentimento dos portugueses darem pouca importância ao que têm; dão muito mais valor àquilo que não têm.

É como uma necessidade de afirmação no exterior antes de se ser reconhecido por cá... O reverso da medalha também é belo. Esta abertura, esta capacidade de nos darmos bem com tudo e com todos, este aparente saber imiscuir-se noutras culturas a ponto de nelas desaparecer...

Repare nesta história! Um amigo meu, português, morava e trabalhava em Montreal, no Canadá, onde era técnico dos serviços de imigração. Foi com a esposa de férias pelo Oriente. Na ilha da Formosa, num bairro popular daqueles labirínticos onde há milhões de pessoas a formigar por todo o lado, uma tasquinha porta sim, porta sim... Tudo escrito em chinês, nas ardósias à porta. Às tantas, num desses letreiros, o meu amigo lê, por baixo dos caracteres chineses do costume: "Bolinhas de Bacalhau e Bifanas"! Estranhou, entrou no sítio e apontou para a ardósia, até que lhe indicaram a cozinha, onde encontrou uma minhota de bochechas vermelhas que ali estava a fazer bifanas entre pratos chineses. Tinha casado com um chinês e ali vivia agora.

É fascinante esta predisposição que os portugueses têm para se desprender. Às vezes, quase que esquecem a sua língua original.

Mas porque será isso?

Nós não tivemos em Portugal, durante muito tempo, uma burguesia industrial. Noutros países houve condições para que essa burguesia se desenvolvesse. O nosso século XX foi diferente, quer na atrofia interna, quer na forma de exploração das colónias. As riquezas passavam por Lisboa e serviam para comprar o que não se produzia cá. O "desenrascanço" português vem daí, de uma certa indefinição do nosso estatuto social. No nosso imaginário não há a figura do industrial burguês, só em caricaturas do Bordalo. Só a partir dos anos sessenta começam a

surgir alguns. A burguesia precisava de uma identidade muito profunda para se sentir com força para comandar a sociedade; Portugal não a tinha.

E isso afectou a indústria da canção e a forma como era feita?

Quando chegamos aos anos setenta, a música popular portuguesa, porque não tinha passado por esse processo de industrialização, apresentava uma riqueza e frescura muito puras. Portugal é um país de microclimas e, apesar de pequenino, tem uma grande variedade de culturas locais.

Porque tivemos aquela paragem no tempo, a marca das raízes agrárias e rurais está à flor da pele, ao contrário do que acontecia com os maiores nomes da canção estrangeira; mesmo em Espanha, onde já se sente uma marca mais urbana.

França, Itália - já tinham um sentido de sofisticação diferente, porque tinham uma burguesia que lhes permitiu manter essa cultura. Em Portugal, com o 25 de Abril a produção nacional caiu em flecha. Passámos de 65% do mercado discográfico cantado em português para cerca de 13%, em poucos anos. Trabalho de quem? Universal, EMI e outras que inundaram o mercado com artistas estrangeiros que diziam muito mais às novas gerações, agora nascidas para uma sociedade burguesa...

A mim, o que me espanta é como um país destes, com um mercado tão pequeno e vulnerável, se pode dar ao luxo de ter um Zeca Afonso! Temos uma disponibilidade para sermos autênticos que recusamos visceralmente, o que é altamente contraditório. Por outro lado, se formos ver a música de raiz tradicional, comparada com a sua semelhante noutros países, a nossa é duma frescura... é linda, multiforme e muito mais rica.

Não é por acaso que, nessa altura, o Michel Giacometti, um corso que andou pela Argélia e norte de África a compilar música tradicional, veio para Portugal e nunca mais de cá saiu.

Lembro-me de estar no Porto e o Lopes Graça aparecer com uma cópia, daquelas que nem rótulo têm, da primeira antologia compilada pelo Giacometti, em Trás-os-Montes. Tinha uns quarenta minutos tirados de quatorze horas de gravação. Lembro-me do espanto do Lopes Graça por serem tantas horas de música "Inédita!" (imita a voz de Lopes Graça) Ora isto é um sinal de como o nosso processo de industrialização foi sempre coberto por um manto de passado, de estereóti-

pos rurais e apegados à tradição, com excepção do fado que tinha um teor mais urbano. Demo-nos portanto ao luxo de chegar aos anos setenta com um espólio de música tradicional sem paralelo na Europa da altura.

A isso, no caso do Zeca Afonso, juntaram-se influências africanas...

Sim, e é por aí que o Zeca começa a utilizar instrumentos eléctricos. Por outro lado tem piada ouvir hoje os primeiros hinos revolucionários moçambicanos e reconhecer a influência que os portugueses exerceram em África, sobretudo música de igreja.

O hino da Frelimo, por exemplo. Sente-se a vantagem da guitarra como instrumento prático, que garante uma base rítmica, melódica, de perfeito acompanhamento para a voz e que se põe debaixo do braço para o mato, se for preciso.

Enquanto prossegue com os seus estudos de Linguística, terá tempo para agendar concertos?

Bom, vou actuar em breve com os Maio, Maduro Maio. Este grupo surgiu como reacção ao projecto do álbum duplo "Filhos da Madrugada". A ideia era boa, mas teve alguns erros primários, particularmente nos casos das versões que ficam muito aquém dos originais.

Já uma vez os Walkabouts fizeram uma versão do "Sopram Ventos Adversos" chamada "Hard Winds Are Blowing", mas, apesar da intenção, sente-se que não perceberam bem o original, nomeadamente, o jogo harmónico básico da canção. É um pouco o que se passa com os "Filhos da Madrugada", embora haja temas muito bem conseguidos. Lembro-me, por exemplo, da versão dos Mão Morta! que, tendo um estilo bem diferente, tem uma energia próxima da canção original e está lá a mesma estrutura. Os Maio, Maduro Maio tentaram dizer "Pessoal, ouçam o Zeca, façam primeiro como o Mestre, compreendam isto e recriem à vontade".

É um espectáculo ciclicamente renovado.

Temos novas actuações agendadas. É feito com grande simplicidade, muito acústico, e dá-nos um grande prazer tocar essas canções naquele formato - três guitarras, percussão, duas ou três vozes...



Saudades do Zeca

A minha memória mais antiga de Zeca Afonso vem de há mais de 40 anos quando, ainda miúdo, ouvia na rádio o «Menino d'Oiro». A televisão era um luxo a que nem as gentes da classe média desse tempo podiam dar-se – e, fosse como fosse, ele não frequentava os saraus de variedades que o electrodoméstico transmitia nos idos de 60.

Foi, pois, pela rádio que tive o meu primeiro contacto com esta música, a sua música. Baladas ao jeito de Coimbra, ainda, embora já afastadas do tradicionalismo puro e duro que ainda ditava as regras entre a estudantada. Mas isso, claro, eram coisas que, nessa altura, eu desconhecia porque não passava duma criança a quem a minha mãe trauteava os versos ouvidos nas ondas hertzianas:

«O meu menino é d'otro / é d'otro fino / não façam caso que é pequenino...»

Por ela vim a saber mais tarde que o intérprete dessa melodia suave que embalava tantos dos meus sonos se chamava José Afonso. Melhor: Dr. José Afonso. O título académico marcava a origem coimbrã do cantor e distinguia-o dos cançonetistas vulgares. A verdade é que, aos olhos do povo, o dê-êre marcava a diferença, mas não foi por isso que ele passou a ser mais ouvido lá em casa. Foi mesmo pela música e pelo empenhamento político, duas coisas a que a tribo familiar atribuía grande importância.

Nessa altura também ainda não sabia que eu e o Zeca tínhamos várias outras coisas em comum, a começar pela proximidade geográfica: ele nasceu em Aveiro, a escassos cinco quilómetros da terra onde vim ao mundo. E foi na cidade da ria que nos cruzámos fisicamente pela primeira vez num encontro quase sem história (e,

para ele, decerto sem memória), pouco tempo passado sobre o 25 de Abril de 74, numa altura em que Zeca ali foi para um dos muitos milhares de convívios cantigueiros desse tempo em que tudo nos parecia possível.

Antes disso, porém, registo um pequeníssimo episódio que – fosse eu dado a essas crenças – quase poderia ser visto como um sinal premonitório dos encontros futuros. As minhas primeiras veleidades jornalísticas, chamemos-lhe assim, aconteceram com umas prosas ingénuas que vieram a lume nas páginas do suplemento juvenil do «República», corria então o ano de 1973. Ora acontece que um desses textos – não sei já se o primeiro de todos, mas pelo menos o mais antigo de que guardo registo – surgiu publicado, para orgulho meu e dos que me estavam próximos, lado a lado com uma foto de Zeca Afonso. Por

nenhuma razão especial, apenas porque calhou ou porque o paginador quis que assim fosse.

Imagina-se, portanto, o meu orgulho desses dias: não apenas tinha uma prosa publicada em letra de forma, como ainda por cima vinha lado a lado com o retrato de tão ilustre cidadão. Convém esclarecer, para quem não saiba ou já não se lembre, que nesse tempo o acesso aos jornais era bastante mais difícil do que nos dias de hoje, quanto mais não fosse porque havia uma instituição chamada Censura, que se mostrava particularmente atenta às fogosidades juvenis. Mas isso são outras histórias.

Voltando ao Zeca: depois de Abril e desse primeiro encontro fortuito em Aveiro, quis o destino que nos reencontrássemos, agora de modo já mais consistente, um par de anos passados, algumas centenas de quilómetros mais a sul. Eu dava os primeiros passos no jornalismo profissional e mantinha uma colaboração regular com uma revistinha que fez história a partir do Porto – o «Mundo da Canção», ou «MC», para os mais íntimos – e coube-me a agradabilíssima tarefa de o entrevistar. Lembro-me bem da minha chegada a Azeitão, num sábado de manhã, e da forma como o Zeca me recebeu: de pijama e com a barba por fazer, tão sem-cerimónia que chegava a ser desconcertante. Lembro-me de como ele procurava esquivar-se a falar de música porque havia outras coisas sobre as quais lhe dava muito mais gozo discorrer: as conversas na serra da Arrábida com o Ti Zé Pastor, a gente simples do país real no meio de quem se sentia sempre em casa, o Zé da Merda «que alugava bolas à malta» no Campo de Santa Clara, a vida vivida com intensidade e paixão. Lembro-me, também, do grande sentido de humor, uma das suas características mais vincadas e que ele nunca abandonou – nem mesmo quando a doença começou a (do)minar o seu dia-a-dia.

Recordo, por exemplo, a maneira como sorria matreiramente ao lembrar aventuras juvenis coimbrãs e o surripiação de livros, em que foi iniciado por um grande mestre dessa arte marginal, o também poeta, e amigo comum, Luís Pignatelli: «Às tantas era só pelo risco... Tinha a mania de ir à biblioteca dos padres, onde, além de castiçais e relicários, havia livros. E a certa altura optei pelo 'mais difícil ainda': punha-me a falar com o livreiro e no momento exacto metia a mão

por baixo...»

Esta e outras histórias ficaram registadas nessa primeira entrevista, de que saiu também uma foto (de Fernando Negreira) que viria a ser utilizada mais tarde no disco «Fados de Coimbra e Outras Canções», o último gravado para a editora de Arnaldo Trindade: o Zeca de capote alentejano ao ombro e saco de viagem na mão, a caminho da camioneta que havia de levá-lo a Lisboa, de onde partiria até às Caldas da Rainha para uma das suas famosas sessões termais que frequentava para tentar amenizar a sinusite e a hipocondria.

Depois disso (e «isso» foram dois ou três fins-de-semana de vai-vem entre Lisboa e Azeitão, tempo necessário para que eu considerasse a entrevista como pronta a sair) passámos a encontrar-nos com alguma regularidade, quase sempre sem marcação nem «agenda» prévia, ao sabor dos acasos e das lutas. Tive, entretanto, o ensejo de o entrevistar mais uma série de vezes, para o «Se7e» e para «O Jornal». De um par dessas «conversas profissionais» nasceu a primeira versão de As Voltas de um Andarilho, uma «reportagem biográfica» publicada pela primeira vez em 1983 e posteriormente reeditada, em versão (muito) aumentada e com um simpático prefácio do Sérgio Godinho, por ocasião do 25º aniversário do 25 de Abril.

De todos os momentos e todas as histórias que partilhámos, há obviamente alguns mais inesquecíveis do que outros. Como por exemplo o dia em que fui com o Fernando Assis Pacheco visitá-lo a Azeitão, em vésperas do concerto do Coliseu, e quase nos perdemos no meio de um nevoeiro sebastianico. Ou a tarde em que me telefonou, irado, porque a campanha do candidato presidencial Mário Soares, em pleno confronto de segunda volta com Freitas do Amaral, se tinha apoderado do seu «Natal dos Simples» sem dizer água-vai. Ou o modo como ficou sensibilizado quando lhe contei do cançonetista famoso que me tinha procurado para dizer que era «um filho-da-puta igual aos outros», mas que sabia da doença do Zeca e estava disponível para contribuir mensalmente com uma prestação pecuniária regular e até nem se importaria de ajudar a organizar um espectáculo de solidariedade, mas que não queria nenhuma publicidade em volta desse assunto.

Das minhas memórias do Zeca, fica muito – quase tudo – por contar.

Porque o espaço não chega, e porque o pudor não deixa. Mas não posso, nem quero, deixar de recordar o quase desconhecido movimento em que nos envolvemos por ocasião do surto grevista polaco, em inícios dos anos 80, que foi o primeiro prenúncio do derube do «socialismo real». Um episódio pouco importante e que na altura foi ignorado por quase toda a gente, mas que não deixa de ser motivo de orgulho para todos os envolvidos.

Em plena «crise de Gdansk», com o Solidariedade de Lech Waleś a tornar-se o pólo de todas as atenções, houve em Portugal uma escassa meia dúzia de cidadãos lúcidos para quem a razão não estava nem do lado dos apoiantes nem dos detractores da alegada «central sindical» polaca. O Zeca era um deles, e foi quem me desafiou para reunir (com o Fausto, o Carlos Loures, o Hélder Costa e mais uns quantos malandrins) em casa do Leça da Veiga para a elaboração de um documento a que chamámos «Que a lição da Polónia não seja em vão». No texto, de modo involuntariamente premonitório, alertávamos para as consequências de um movimento popular que a Esquerda desse tempo teimava em menorizar e de que a Igreja Católica e toda a Direita europeia não hesitavam em apoderar-se – com resultados que poderiam ser trágicos – como, alguns anos depois, se veio a verificar, ultrapassando todas as nossas expectativas. O «comunicado» que então elaborámos, resultado de várias horas de discussão, seria olímpicamente ignorado tanto pelos órgãos de comunicação dos vários quadrantes como pelas organizações políticas da época, incluindo aquelas onde pontificavam muitos dos nossos amigos. Nenhum nos disse, mas suponho que todos (ou quase) nos devem ter tomado por «um grupo de maluquinhos» armados em analistas de ocasião. Que eu saiba, o papelinho apenas foi divulgado nos espectáculos d'A Barraca, e a coisa não teve mais repercussões públicas.

Meia dúzia de anos depois, a queda do Muro de Berlim e todo o estardalhaço que se seguiu deram-nos razão. Mas, nessa altura, já era tarde de mais. E o Zeca já não estava cá para ver... ele é visível nas ruas da Cidade.

“Era um homem sem vaidade...”

Edição da transcrição de um depoimento de José Jorge Letria à “Antena Miróbriga” em Fev/07

Dia 23 de Fevereiro assinalam-se vinte anos sobre a data da morte de José Afonso.

José Afonso foi, sem dúvida, o mais importante criador musical português do século XX e, como cantautor, o expoente máximo de um processo de criação e interpretação que não teve paralelo em Portugal. Conseguiu fazer uma síntese única, perfeita, do meu ponto de vista, entre a tradição musical oral portuguesa, nomeadamente a tradição da música popular coimbrã, e a experiência que teve em África, onde desde a infância ia visitar os pais (o pai foi Juiz em Angola). Dessa síntese nasceu, realmente, de um processo de criação musical único, que não teve paralelo nem imitação.

Mas, para além disso, Zeca Afonso foi, nos 57 anos de vida que teve (nasceu em 1930 e morreu em 1987), um cidadão único e exemplar no combate que travou pelos valores da Democracia e da Liberdade e, mais do que isso, um exemplo moral para a sua geração. Foi, de facto, o criador, o introdutor em Portugal da canção de intervenção, da canção política, movimento no qual eu me incorporei a partir de final dos anos sessenta, com o Manuel Freire, o Adriano Correia de Oliveira, o Francisco Panhais, O Zé Barata Moura e mais alguns; não éramos muitos.

O Zeca foi, sempre, o símbolo e a

referência que muito nos estimulou, no modo como entendíamos o presente de Portugal, em plena ditadura, e na necessidade de criarmos um futuro em que houvesse espaço para a Democracia e para a Liberdade. Isso conseguiu-se e acho que a maior homenagem que a Democracia reconquistada lhe fez foi, precisamente, ter assumido “Grândola Vila Morena” como hino da conquista do poder pelos militares e pelos civis democratas.

Vinte anos passados sobre a sua morte, aquilo que sinto é que ele é muito menos cantado e radiodifundido do que deveria ser. (Deixo, naturalmente, em aberto as excepções das rádios, sobretudo as locais, que passam com muita frequência a sua música). Mas agora, com esta nova lei da música portuguesa – a Lei da Rádio – o Zeca Afonso tem uma presença muito menos forte na comunicação social em geral e, sobretudo, na radiodifusão, do que seria de desejar.

Creio que isso também reflecte a crise de valores – valores de identidade cultural e valores cívicos que há neste país. Se houvesse maior consciência cívica também haveria uma maior ligação à Obra e à Música de Zeca Afonso.

Gostaria, também, de sublinhar o excepcional contributo que deu como poeta. Não foi apenas um cantor e

um compositor, foi também um Poeta. Um poeta que leu muitos poetas, um poeta culto e que acreditou sinceramente, ao longo de toda a sua vida, que estava a cumprir uma missão e que essa missão era servir a cultura e o povo a que pertenceu.

Era um homem sem vaidade, sem nenhuma ambição de poder, que desprezou sempre os títulos, as honrarias e os pedestais e que, por isso, foi não só um símbolo cultural da criatividade mais pura e mais elevada, mas também um excepcional símbolo cívico e ético, que nós não esqueçamos.

E não posso deixar de referir o facto de, neste pseudo referendo dos “100 Grandes Portugueses”, ele não ter tido o destaque e a evidência que merecia, enquanto que outros, que praticamente nem sequer existem no nosso imaginário colectivo, estiveram presentes nessa votação. É muito discutível. Do meu ponto de vista, não passou de um mero entretenimento televisivo, que alguns estão a tentar transformar num referendo nacional. Acho que a ausência do Zeca, ausência conveniente e destacada, é um sinal da pobreza cívica e também cultural que o país neste momento enfrenta e representa.

Portanto, vinte anos depois, o que posso dizer é que ele continua a representar, para nós, uma grande saudade, a saudade dinâmica e activa que se deve ter em relação aquilo que, verdadeiramente, nos faz falta – e ele continua a ser uma pessoa que nos faz muita falta! Porque, se ele estivesse vivo, haveria muito ainda a esperar da sua Obra.

Morreu aos 57 anos, uma idade em que os grandes criadores ainda costumam estar produtivos... A nossa música e o Portugal democrático poderiam ter ganho tanto mais!

O que fazer com esta memória? Sobre tudo, transformá-la numa memória activa.

Divulgá-lo mais, cantá-lo mais, tê-lo sempre presente porque ele continua vivo, na perspectiva do Portugal Democrático que não queremos que se resigna aos valores do consumismo, do conformismo, da mediocridade televisiva. Ele era o contrário de tudo isto. Portanto, continua a fazer-nos muita falta!

“O Povo é quem mais ordena Dentro de ti, ó cidade”

Erguem as vozes e cantam. Ombreiam a cantar. Reconhece-se o Zeca Afonso, pois claro, e o Fausto e o Vitorino. Sabe-se que outros mais estavam lá – Manuel Freire, José Jorge Letria, Nuno Gomes dos Santos, Adriano Correia de Oliveira, Ary dos Santos.

Como soldados numa primeira linha de combate, a voz e a música como arma, a ajudar contra a ditadura. O velho ditador tinha morrido anos antes. Marcello Caetano, depois, desiludira mesmo os poucos que acreditaram nele. O regime mantinha-se. A censura, as cargas policiais, as prisões, as torturas, os tribunais plenários, a guerra colonial...

A foto tem uma data e uma história – 29 de Março de 1974. Lisboa, Coliseu dos Recreios; I Encontro da Canção Portuguesa, organizado pela Casa da Imprensa, a pretexto da entrega dos

prémios referentes ao ano anterior. Menos de um mês depois, o regime caía, de velho, de podre, empurrado com coragem e decisão pelos capitães do MFA, com o povo na rua que logo se lhes junta.

Nesse dia, a 29 de Março, já passava quase uma hora da hora marcada e o espectáculo mantinha-se proibido. Na rua, pelo átrio do Coliseu, aglomerava-se gente, muita gente. Seriam seis, sete mil. Assistir era muito mais do que ir a um simples espectáculo musical. Era também uma manifestação de oposição, de resistência.

Os homens do regime sabiam-no. Por isso a Censura arrastou durante mais de um mês o exame às letras das canções que iriam ser cantadas e dos poemas que iriam ser ditos. Cortes, autorizações, novos cortes, proibições...

Por isso, no dia, forças da PSP e da GNR aguardavam ordem para carregar, para dispersar a multidão. Mas era tanta a gente que acharam melhor autorizar o espectáculo, ordem que lá veio, já passava das dez da noite. Mas com uma condição, mantinham-se todos os cortes e proibições nas letras e poemas que iriam ser cantados. Venham mais cinco, Menina dos olhos tristes, A morte saiu à rua, Gastão era perfeito, do Zeca; Tango dos pequenos burgueses, do José Jorge Letria; Poeta castrado, não!, do Ary dos Santos; Trova do Emigrante, do Manuel Freire. Foram trinta ao todo as canções e poemas expressamente proibidos de integrarem o reportório do espectáculo!

A indignação ferve entre os cantores, há quem ache que o melhor é recusar a actuação naquelas condições, mas





ponderando melhor e em respeito pelo público, o espectáculo começa. Fanhais foi o único impedido de cantar, remete-se à plateia para juntar a sua voz à dos outros milhares que vão entoando em coro o desfilar de canções tornadas hinos.

Trauteiam-se Os Vampiros sem letra. Manuel Freire no palco diz que se esqueceu da letra de uma das canções no comboio. Rebatam palmas e as-sobios. O público, entrosado, percebia bem o que Manuel Freire queria dizer. José Jorge Letria diz o que gostaria de cantar, se pudesse... mais palmas, sorrisos na plateia.

Nos bastidores, a PIDE espreita e vigia, identifica cantores, assinala episódios, nomeia gente mais conhecida entre uma assistência predominantemente jovem, onde se distribuem figuras conhecidas dos meios oposicionistas.

Mais discretos, pelo meio da plateia, estavam capitães já implicados no golpe do 25 de Abril, em fase avançada de preparação.

O próprio relatório da polícia, assinado pelo famigerado Capitão Maltez, da polícia de choque, conta que Adelino Gomes, subindo ao palco para receber o prémio de imprensa e rádio, ao dizer-se desempregado por ter sido despedido, obteve como reacção do público um conjunto entrecruzado de gritos – fascistas...fascistas...

Que mais dizer deste ambiente telúrico, fortemente impregnado de emoções, de fundas solidariedades, de uma comunhão de vontades contra um regime que, também ali, se esfarelava mais um pouco, em direcção a um fim, como que premonitoriamente anunciado.

Zeca Afonso, o representante de uma

geração, de um movimento que fez da canção um modo de intervir, de combater, que, galvanizando, ajudou a mobilizar contra um regime beato, autoritário, manhoso, filho velho dos fascismos de entreguerras, encerraria o espectáculo.

Grândola, vila morena cantada a plenos pulmões no palco do Coliseu, secundada por milhares de vozes em uníssono, tornar-se-ia senha, numa relação directa, pouco depois, sinal para o arranque do Movimento das Forças Armadas, ao começo da madrugada de 25 de Abril de 1974. Os versos O povo é quem mais ordena/ dentro de ti, ó cidade, lidos com a toda a sua força simbólica aos microfones da Rádio Renascença, antecediam-na. Era um outro tempo que alvorecia...



**JOSÉ AFONSO
20 ANOS DEPOIS...**

SÁB 3 MAR. 07

CONTOS VELHOS RUMOS NOVOS

2 SESSÕES 16H/21.30H AUDITÓRIO ESPAM VILA NOVA DE SANTO ANDRÉ

FRANCISCO FANHAIS JOÃO AFONSO LUANDA e NORTON MINGO JORGE GANHÃO
KAKILAMBÉ PERCUSSÕES FOL&AR SONS DA TERRA RUI VINAGRE
PAULO BARBA LABL T & MC CRISA CARLA CHAINHO ESPAMÚSICA GATO SA

VENDA DE BILHETES:

VILA NOVA SANTO ANDRÉ BIBLIOTECA MANUEL JOSÉ DO TOJAL / CAFÉ NATURAL / PASTELARIA AKIDOCE

SANTIAGO DO CACÉM BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DA FONSECA / PASTELARIA SERRA SINES A DAS ARTES

**BILHETE
5 EUROS**

Organização:



Patrocínios:



Apoios:

ASSOCIAÇÃO JOSÉ AFONSO / HOTEL VILA PARK / JUNTA DE FREGUESIA DE STO ANDRÉ
SERVITUBOS / E.SPAM / C.A.PAG / WWW.ALEMTV.COM
G.PRODUÇÕES / BIBLIOTECA MUNICIPAL RAÚL BRANDÃO / ANTENA MIRÓBRIGA